



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

29 DE JANEIRO DE 1966
ANO XXII — N.º 571 — Preço 1

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Visivelmente satisfeitos e demonstrando confiança no futuro, eis a comunidade de Malanje.

Cantinho de Malanje

Estamos em princípio de ano e com este iremos caminhar com muita fé de continuarmos a construção da nossa Aldeia a qual ainda está muito longe do fim.

A Casa-Mãe, contra todos os ventos e todas as marés e com a nossa presença sempre muito humilde perante o Senhor, confidenciando baixinho com Ele porque o nosso Deus não gosta de barulhos, está no fim.

Presentemente estamos com a escola, a qual consta de três salas de aula e uma biblioteca. Estas também vão ficar bonitas, belas e airosoas. A casa principal — a casa-mãe — também assim está: linhas bem traçadas; a pedra rústica, diz lá bem e o jardim com o lagosinho no meio para os «batatinhas» brincarem com barquinhos de papel também está mesmo a calhar.

A beleza não custa dinheiro. As nossas casas não são de luxo, mas procuramos que elas sejam belas e acolhedoras. Os nossos irmãos, pequeninos das ruas, educam-se a par de muito amor. E o amor é belo. Eles na beleza formam-se, acham-se e encontram-se a si mesmos.

Sem o belo, parece-me que ninguém pode educar. E depois, o que se gastava com um casarão de paredes altas — tipo barracão — gastamo-lo nós neste ninho de amor no qual todos havemos de procurar ser, cada vez mais e melhor, nua família. «Tudo o que for regresso a Nazaré, é progresso social cristão».

Ora, uma família por pobre que seja, procura sempre ter um lar airoso e acolhedor. E as casas da Obra da Rua, não são outra coisa se não lares de família. É esta a palavra nova de Pai Américo na revolução pacífica de assistência, nomeadamente às crianças abandonadas.

Cont. na SEGUNDA página

Cantinho DOS RAPAZES

Tive hoje uma grande alegria. Ao chegar ao escritório e dos nossos carpinteiros substituíam o trinco da porta, dias atrás arriado, e tinha à mão novos puxadores para me propor.

«Este tipo de muleta — disse — não serve em nossa casa, peço que a malta abra com força demais e vai estragar esta peça (inacou-ma) que faz mexer o trinco. Por isso é melhor pôr puxador redondos».

Eu concordei... e consolei-me!

Pois que significavam aquelas poucas e eficazes palavras senão o brio, a iniciativa, que tinham levado o moço a pensar e parquê de tantas vezes se estragarem os trincos em nossa casa, a achar a causa na violência com que aquela delicada peça é actuada?!

É tão raro o zelo do que é nosso!; é tão rara a curiosidade que sobe da observação dos factos às suas causas! — que eu não pude deixar de reagir em satisfação, que aqui confesso.

E já agora, comunicando esta luz, que pede aos observadores de muitos azares acontecidos debaixo dos nossos tetos que olhem mais fundo e vejam as causas deles, peço eu também que, conhecendo a causa, se lhe aplique o remédio. E, para já, vamos todos a pegar com mais jeitinho nos muitos puxadores das portas que ainda há por aí, do tipo de muleta.

Outra consoladela, foi a entrega do primeiro ordenado após seu regresso do Ultramar, por um dos nossos, que assim quis voltar à Africa, destinando o seu salário à «nossa Casa de Angola mais necessitada».

Nele não me surpreendeu esse gesto, até porque enquanto lá nunca houve data festiva em que se não lembrasse dos Pobres da sua Conferência e lhes não mandasse uma lembrança. Agora lembra os de lá — ele que teve ocasião de testemunhar tanta necessidade.

Também, neste capítulo, não são frequentes estas experiências felizes. E esta é-o duplamente por causa da universalidade do seu interesse. «Longe da vista longe do coração»... diz o Povo. Pois não é assim com este nosso irmão, que proclama, na simplicidade do seu gesto, como o nosso Próximo, embora comece a que vive à nossa beira, não termina senão no último homem, e mais afastado de nós pela distância ou pela condição.

Visado pela

Comissão de Censura

TRIBUNA DE COIMBRA

Quero beijar as mãos da Senhora que foi ao nosso Lar levar o testemunho da sua confiança e dedicação, impressionada com o desabafo das minhas aflições.

Leu «O Gaiato» em família e o primeiro a levantar a voz foi um filhinho doente que pediu uma nota do seu mealhinho e toda a família o seguiu. A Mãe foi procurar-me para dizer que me queixasse sempre, mas nunca desanimasse.

Esta Senhora tem ido vezes sem conta a nossa Casa e as criadas também sabem o caminho. Tem um cantinho certo no nosso Calvário, pelo carinho que tem posto nos remédios que nos dá, e o Património dos Pobres também a conhece.

Mas o clima de ausência dos amigos de Coimbra e arredores, que eu sentia antes do Natal prolongou-se. Poucos se lembraram de nós. No último dia do ano vim para as ruas da cidade, ainda estavam as

portas fechadas e só sai quando todos se recolhiam. Corri todas as ruas da baixa, bati a muitas portas, falei com muita gente. Em nossa Casa ainda não tinha entrado bolo-rei, nem bombons, nem nada do que as crianças mais gostam. Todos os anos tenho distribuído meias e lenços e camisolas de lã na véspera de Natal e este ano os rapazes saíram da mesa tristes e de mãos vazias. Trouxe comigo para as ruas um ror de facturas para pagar e tornei a levá-las para casa. Alguns me ouviram e deram a mão, mas na minha alma continuou o vosso gelo por derreter.

Nos mesmos dias recebi carta dos nossos Padres de África a louvarem ao Senhor pela abundância de mimos que lhes haviam dado. Dias depois passei pelas nossas casas do Sul e ainda havia abundância das prendas de Natal. Che-

— Continua na SEGUNDA página

Continuação da primeira página

Há tempos o Snr. Padre Telmo surpreendeu cinco rapazes agarrados ao carro de mão os quais tinham ido buscar batatas à casa velha, que era o lar do antigo fazendeiro e que fica mesmo à beira da estrada a falar dos nossos antigos colonos.

Ora, o carro de mão é pertença do Manuelzito por via da sua obrigação. Mas os mais novos gostam sempre de o empurrar e de o guiar. Isto é natural. É que o carro tem rodas! As rodas são arcos! O arco é um círculo! O círculo é beleza! E não há criança que não procure a beleza, porque bela. E daí porque Deus é amor, a nossa Obra há-de ser compreendida e até amada por toda a gente de boa vontade.

E nós podemos dar testemunho pelo carinho que recebemos.

Às vezes, é certo, parece que estamos esquecidos mas quando se aproxima alguma festa que toque em algo a família, nós também somos lembrados, queridos e amados.

Pelo Natal fomos alvo de muito carinho: um casal de cursistas de Luanda, como todos os anos, não se esqueceu de nós. Nos mais anos enviavam o seu óbulo para Paço de Sousa, mas agora já encarregaram para esta nossa casa de Malanje. Para os amigos leitores e assinantes é muito mais prático. E como a Obra é toda a mesma aqui caem muito bem os vossos donativos. E os da zona Sul desta Província, os seus óbulos calham mesmo bem na nossa casa de Benguela. Ora, como ia dizendo, este casal enviou-nos 2.000\$ e palavras de muito amor: «É favor não nos agradecer, porque nada fazemos. O Senhor dá-nos o suficiente para dividirmos com os Pobres de quem ficamos mais devedores». Não é preciso comentários. Este casal diz tudo. A esmola ao Pobre não é tanto o que damos, mas sim o que recebemos.

E aqui temos mais uma com muita fé. Esta é a viúva de que nos fala o Evangelho: «mando 50\$, não posso mandar mais. Sou pobre mas peço a Deus por todos vós». Aqui a caridade. Os cristãos deviam estar sempre unidos em oração.

Muito chegado vêm duas almas muito unidas; um outro casal cursista de Luanda com 10.000\$. Nós sabemos quem é, mas não o dizemos. Ele, não quer. Nós os cristãos não devemos fazer barulho quando damos. Nem sequer a mão esquerda saiba o que faz a direita. Isto é caridade.

A assinante n.º 3939, também não nos esqueceu nesta quadra festiva e veio com cem

e muita delicadeza no dar. De Salazar um anónimo com 50\$. Mais anónimos: um com 50\$, outro de Cacolo, com um saco de arroz e de Malanje mais 100\$, mais 50\$ e mais 150\$. Ainda dos lados de Negage, 150\$. E novamente em Negage sem que a outra mão desse fé: 1.000\$.

O Colégio de Nossa Senhora de Fátima presenteou a nossa Bébé com um enxoval, caminha e tudo! O Dundo também veio até nós com 200\$ mais 50\$ e outra vez 50\$, sendo estas últimas importâncias para pagamento de assinaturas. Ainda outra senhora com pedido para não publicarmos o nome, 1.000\$. Em Henrique de Carvalho também já somos conhecidos e por isso cá chegaram 500\$ do casal M. José e Eduardo F. R.. E Cubal também tem estado presente pela mão discreta de uma amiga.

A Sapataria Confiança 150\$. Sr. Rufino R. S., 10 sacos de alimento. Dois professores da Escola Técnica, 100\$. Família Neves, 50\$. Dois visitantes muito amigos 100\$ e em casa de casal amigo O. e J. mais 500\$. E mais uma motorizada do Snr. Sargento Ferreira. Veio mesmo a calhar. Foi o que valeu para o Tavares ir todos os dias para o Quissol tirar o estágio.

Novamente Malanje, por intermédio do Snr. Sampaio, uma boa consoada. Victorino Sampaio, um saco de arroz. Livraria Liz com muito carinho, uma bola de futebol e bonecos para as bebés. Esta bola com as equipas que estão «engalinhas» na Alfândega, os nossos desafios vão ser mais animados. E até o Snr. Padre Telmo vai defender com mais categoria! Ainda deste Planalto chegou até nós uma amiga com roupa e calçado muito bom e brinquedos para as pequeninas.

Mais um pipo de vinho do Snr. Governador e mais a sua visita sempre amiga quando da benção do cruzeiro pelo Snr. Bispo. E até já ouvi dizer que o Snr. Governador já prometeu uma ajudazinha para ajeitarmos a avenida principal. Castro & Irmão também não se esqueceu de nós e vieram-nos cá trazer dois sacos: um com roupa e outro com calçado; tudo novo. Do Centro Comercial e das Ferragens Unidas cada um com umas boas consoadas onde não faltaram mimos para os mais pequeninos. Pastelaria Flórida, 200\$. E os amiguinhos das escolas n.ºs 25, 108, 234 e 235, uma grande consoada que tivemos que lá ir buscá-la num carro. Os pequeninos gaiatos também não se esquecem de nós. Sr. Castro Neves também esteve presente com uma consoada e duas ceiras de figos. Mais vi-

nhos finos e rebugados da Hudson. Mais refrescos e cervejas do Pessoal da Casa Americana. Mais uma consoada de Nunes de Moura & C.ª. De duas amigas, para o bolo de Natal dos Gaiatos, 50\$00. União Panificadora, um saco de pão e bolachas. Firmino Amaral & Irmão um saco de arroz, um de batata, garrações de capacete e ainda bebidas finas. Reinaldo S. Viegas, como de costume, com 250\$. Mais 250\$ dos empregados do Banco Comercial. E do Banco Comercial, 500\$. Pela mão do Director da Cotonang, 3.000\$. Cruz Vermelha Portuguesa — Delegação de Malanje — também 3.000\$. Mais 1.000\$ da Associação Comercial e Industrial de Malanje. E mais 1.000\$ da Comissão Municipal de Cacus. Outra vez Luanda pela União Comercial de Automóveis, 500\$. Do Snr. F. Cota, doces e dinheiro. M. A. Seixas, 100\$. D. Dulce S. Pinto, proveniente da venda do nosso jornal na Tentativa, 2.020\$. De Minas do Saia, o Snr. M. J. F. F., 100\$. Mais 50\$ de Salazar. Um Senhor Cónego de Bragança, 1.000\$. Negage está novamente presente com 100 barras de ferro da mão muito amiga do Snr. F. Martins. M. Gomes de Azevedo, 5.000\$.

E para terminar, 2.600\$ do Snr. Padre Cardoso, de Cacus, provenientes de assinaturas que ele não se tem cansado de arranjar. Deus lhe pague todo o seu esforço e carinho que nos tem dispensado e o mesmo Senhor dê cem por um a todos os nossos amigos que de qualquer das maneiras não nos esquecem por amor d'Ele.

Fernando Dias

Carta de BENGUELA

Obras. O plano geral da nossa Aldeia vai tomando forma; a Casa-Mãe que linda está, a padaria, dispensa, moagem; lavandaria e garagem estão já um encanto. As oficinas de carpintaria e serralharia estão nos alicerces. Enfim o plano vai tomando forma e o nosso sonho vai-se realizando.

Mas mais adiante tornamos-lhe a ouvir: «Ó Nunes, ó Nunes, olha a minha cana não traz o anzol, querem ver que o peixe também mo comeu?». Era dia não para o nosso Padre Manuel e a boa disposição continuou pela tarde adiante.

Vamos ter o nosso conjunto musical. Os nossos amigos do Lobito, Benguela e Catumbela, por iniciativa de alguém que muito nos quer, vão presentear-nos com os instrumentos para que a nossa festa este ano seja êxito completo.

Temos já em casa um piano, uma bateria e uma viola eléctrica. A malta não cabe em si de contente e a vontade de aprender é muita. Bem hajam todos. Para vós a nossa amizade e gratidão.

Passou mais um ano. Neste que há dias findou, lembramo-nos que quando do seu começo agradecemos ao Senhor tudo o que nos deu em 64 e pedimos-LHE que para o de 65, que então começava, continuasse a dar-nos o seu amparo e Amor.

O Senhor no ano de 65, deu-nos tudo o que precisávamos. Aventurámo-nos na construção de uma Aldeia sem bases financeiras; e o que já está construído! Por fim não quis findar o ano sem nos presentear com novos Amigos: muito amigos. Que Ele pague por nós a todos e nos faça compreender e merecer melhor tudo e todos.

Creiam na nossa estima e gratidão.

Américo dos Santos.

TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da primeira página

gam notícias das casas do Norte a dizer que o Natal foi muito bonzinho em donativos de dinheiro e géneros.

Fiquei mordidinho de inveja. Apetece-me gritar aos ouvidos de cada português do Centro e de Coimbra, que ócamente se gloriam de Pai Américo começar aqui a sua Obra. Mas, ai de Pai Américo se não tem saído de Coimbra a tempo! A sua Obra teria definhado pouco depois de nascer.

Há pouco ainda um dos nossos Padres perguntava-me, com espanto, se os católicos da cidade, agora em grande número, não me ajudavam e eu respondi-lhe que para a maior parte a vida religiosa é feita de orações, visitas, reuniões e banquetes. A Caridade não é o centro e a situação aflita dos irmãos pouco ou nada os incomoda.

Há momentos veio o Castelhinho dizer-me que o nosso milho está no fim. A boroa é a nossa grande base de alimentação. Já na última reunião de chefes, ao passarmos os olhos pelas nossas contas, eu me ha-

via queixado deste peso que trago e havia dito que não via possibilidades de comprar milho. Hoje fiquei triste a olhar para o Castelhinho. Ai se falta a boroa aos Pobres que há-de ser deles!

E que há-de ser de vós!

Padre Horácio



MAIS UMA PERSPECTIVA DA CASA-MÃE DE BENGUELA



★ BELEM ★

Naquele Natal de 58, foi à pequena Capela de Vildemoinhos que viemos, a celebrar a Santa Missa de Inauguração de Belém.

Senhor Padre Carlos ao Altar e um Gaiato de acólito. Eu, com as quatro primeiras, sempre alerta, não desandasse porta fora... E mais um magote de pessoas, que acudiram à chamada do sino.

Quem diria então que hoje havia de ser, nesta mesma Capela, a nossa Missa de acção de graças, pelos 7 anos de vida da Obra?

O Celebrante é o mesmo mas o grupo das Belenitas é maior. O Celebrante é o mesmo, mas agora as Belenitas tomam parte activa na Missa da sua Festa, que é a da Sagrada Família, cantando-a em português, acompanhadas ao órgão pelo nosso Pároco.

A Capela é a mesma, só acusando mais o desgaste do tempo, a pedir boa reparação. Mas, graças a Deus, repleta de Povo, com as Belenitas à frente e o grupo das nossas Belenitas, sempre prontas a tomar parte activa nas cerimónias religiosas.

De mim só direi que no decorrer destes 7 anos, me aconteceu um pouco como à Capela. Ela precisa reparação, eu preciso repouso.

No fim da Festa, fomos fazer o almoço, se o quisemos comer!

Como há 7 anos, cozido à portuguesa e sopa, também à portuguesa. De sobremesa, uns bolitos, que não houve tempo para mais, e maçãs, tangerinas e nozes da nossa quinta. Que boas!

Demos, por tudo, graças a Deus!

intermédio da Casa Pinto. 250 mais 200, mais 100, mais 150, mais 50, mais 20, mais 40, mais 50, mais 200, mais 500, mais 200, mais 70, mais 100 de pessoas que nos visitaram, pelo Natal e Ano Novo.

Vales: Professora Amiga, de Lisboa, com mil; Aida Latimer, Grã-Bretanha, com outro tanto; outra Professora do Funchal, com metade; e outra da Faniqueira, com 100; mais outra com 150; ainda outra Professora, com 110; Eugénia, de Vila Nova de Famalicão, com 100; um de 500 de Jesuína, do Porto; dois de 50, de Alice Augusta; outro de 100, do Ribatejo.

1.420\$ mais 5.220\$, de esmolas recebidas para Belém, em Paço de Sousa. Mais 345\$ recebidos no Tojal. Donativo de 4 contos da Companhia Nacional de Electricidade. Subsídio de 10 contos, do Governo Civil de Viseu. Outro de 2 contos e meio da Comissão Municipal de Assistência.

No dia da Sagrada Família, além de esmolas recebidas de particulares e já apontadas, 225\$ recolhidos no pedatório da Capela de Vildemoinhos e 20 contos entregues pelo Sr. Padre Carlos.

Deste modo pudemos pagar mais 50 contos, ficando agora a nossa dívida reduzida a

280.000\$00

— 50.000\$00

230.000\$00

Inês — Belém — Viseu

Nota de presenças até ao dia da Sagrada Família, a quem lembramos as intenções de todos os nossos Benfeitores:

Helena, de Lisboa, sempre presente com os 500 mensais e desta vez com outro tanto de uma Amiga. O mesmo digo do Casal de Cursistas de Viseu, com 250 mensais.

Anónimo, de Lisboa, casal amigo, de Braga, Padrinho da linha, nunca nos esquecem, apesar dos nossos prolongados silêncios.

De Viseu, temos sempre certas as cotas da Farmácia Confiança, das Irmãs Valles, que desta vez acrescentaram mais 100 e de outros sócios recentes, sem esquecer o Pai da Gracindinha.

Pacotes de roupas usadas, de riscados e chitas e toalhas de Coimbra, de «Uma Esposa e Mãe», de Mariana, de «Duas Mães», do Dafundo, de Maceira Lis, de Lisboa e de outras terras. Grande quantidade de meadas de lã e algodão da «Fábrica dos Perdigueiros», da Covilhã.

500 do Porto, por duas vezes «que aplicará no que for mais necessário». Outro tanto de Fátima, pelas mãos do Sr. Padre Beato. «Para ajuda da compra da Casa Nova», mais 150. De Luísa, 20. De Isabel, 50 e outro tanto de «Uma Amargurada» (Recorra à Mãe das Dores!) e também de Elvas, para a consolda, 50 do Casal R. D., por

O Natal deste ano deixou-me contente.

Os rapazes tiveram carne, bolos e borras com fartura nos dias de Natal e Ano Novo.

Presenças amigas! Presenças discretas!...

Na ante-véspera da Natividade veio um jantar rico e abundante com uma recomendação delicada e profundamente humana: «Mande fazer e te jantar para os rapazes; não quero que seja para amanhã, deve ser comido hoje». Assim fizemos Senhor Doutor. Não fomos capazes de comer tudo naquela noite, mas creia que nada se estragou.

Para o primeiro dia do ano vieram trinta quilos de carne de vaca. Não sei quem foi. A discreção é assim. Freixedas não se conteve e perguntou:

— «Mas o Senhor quem é?

— Diz no senhor Padre que é um Amigo!...

Basta. É um amigo que tem lido «O Gaiato» e sabe da doutrina do Evangelho. Não quer agradecimentos, não se importa com o escondimento. Tinha-se esquecido e voltou atrás entregar mais duzentos escudos. Ao ler estas linhas saiba que o meu coração pulsa num abraço bem agradecido.

Vieram camisolas!... Tantas tecidas com amor maternal para estes filhos que o Senhor nos deu!... Confeccionadas com gosto. Dizia-me uma «apaixonada»: — acho que os Gaiatos devem vestir como os outros rapazes. É formada nas colunas do Gaiato.

Seis delas foram o sonho e a realidade dum ano de trabalho no cumprimento duma promessa!... Belezas que só Deus conhece.



A Quinta do Anjo esteve presente!... Não há Natal na Casa do Gaiato sem Quinta do Anjo... Abóboras prá filhós, vinho em barris, garrações e garrafas, bebidas para refrescar e aquecer!... Quinhentos para Missas, mais duzentos e mais quinhentos pelas mãos de dois inocentes que vieram trazer aos nossos alguns dos seus brinquedos que o Menino Jesus lhes dera! Beleza!... Educação Cristã. Comunhão de bens com os «gaiatinhos». Palmela também se fez representar. Não sei se o Senhor da carne é de Palmela!... O Angelo diz que sim. Mas Palmela veio com nozes, laranjas, feijão, grão, camisolas e mais prendas.

O Senhor dos cobertores mandou cem. Obrigado pelo calor que nos trouxe. Alguns dos rapazes passavam frio. Era tão bom que criasse tradições!... Que não seja só Porto a ter «Senhor dos cobertores» que já morreu, mas também Setúbal. E se eles pudessem ser um pouquinho mais pesados!... Uma herdade vizinha trouxe-nos cinquenta litros de azeite! Que ajudas tão boas!... Numa pequena Capela fez-se um ofertório solene em dia de Natal para a Casa do Gaiato. Que lindo!... Que cristão!... Vê-se que estamos a sentir as lições do Concelho.

Veio roupa usada e calçado, mais cobertores, lenços novos pró nariz deles e toalhas!...

Dinheiro!... Sim, também cá chegou. Algum com saborosos abraços de quem parece vir pagar uma dívida ou cumprir um dever! Mil mais cento e cinquenta da filha e do genro. Há tantos anos que assim é. Nem a doença, nem os desgostos, nem os reveses da vida!... Só para enfrentar homens assim vale a pena viver!...

Mais mil dum humilde funcionário da Câmara, com um aperto de mão bem quente! Este Homem também parece eriar tradição.

A Setubauto mandou um cheque de 1.500\$00. Nunca ali demos qualquer trabalho e esta Empreza lembra-se de nós, há alguns Natais! Se as grandes e as pequenas Emprezas se lembrassem ao menos assim dos Pobres, como sofreríamos menos!...

Quinhentos duma Senhora pelas mãos do Marido. As costumadas castanhas e mais borras doutra. Antónios com B.F. 200\$00. O Pessoal da Filial do Banco N. Ultramarino depositou na nossa conta 355\$00! Como é fácil para os Setubalenses mandar dinheiro para a Casa do Gaiato. Temos conta no Ultramarino. É depositar lá que ele encarrega-se de nos mandar o talão. E agora que estamos em bancos — um funcionário do Borges & Irmão pôs na nossa mão mil escudos.

Numa frutaria um Senhor deixou 500\$00. Mais outro tanto dum amigo, mais o mesmo doutro e mais mil de um médico que quer dar cem por mês. Num jantar de anos houve cotização: 1.290\$00. As Juntas de Freguesia da Anunciada e S. Julião, quinhentos cada. A de S. Sebastião dois mil. Pelos vendedores, cem da Senhora que manda todos os meses, mais vinte, mais cinquenta. Para a ceia de Natal de uma família pobre cem da rua João XXI, de Lisboa. É uma Mãe de família que se propôs todos os meses ajudar o pão duma numerosa família. Tive fome e deste-Me de comer!... Ouvirá um dia minha Senhora. Todos os meses tenho recebido os cem. M. M. do Porto traz-nos uma carta de vivo exemplo com cem a dizer-me que nos deve mil e que espera pagar.

Cem na rua prá consolda, mais duzentos com rebuçados e um aumento de ordenado. Mais metade doutro ordenado duma rapariga pobre. A outra metade foi para outro lado. É assim a pobreza cristã!


A S. A. P. E. C. creditou na nossa conta, como há anos vem fazendo, dez mil escudos. Pelo jornal «O Setubalense» vieram uns poucos de vales. Conserva da Atlas e da Alonso e cem escudos doutro fabricante.

As Senhoras do Rotary Clube, trouxeram camisolas e quinhentos! Cem e roupas deixados no Lar.

A Escola do Magistério Primário veio com as suas classes infantis fazer-nos a sua Festa de Natal. Que linda ideia! Vieram as famílias com as crianças! Algumas que nunca nos haviam visitado. Trouxeram-nos roupas, géneros de mercearia, doces e dinheiro.

Mais presenças que não menciono — nem tudo se aponta nesta desorganização — e com todas me fizeram viver em cheio o mistério do Presépio!...

Padre Acílio



Uma Carta

«É uma vergonha vir importuná-lo. Sou hoje a hora de me vir desobrigar duma dívida que não sei a quanto já monta! Creio que não pago assinatura do «Gaiato» há dois anos, se não mais, e tenho recebido, creio também, 2 livros do «Pão dos Pobres» sem satisfazer o seu pagamento... Verdade seja que tanto os jornais como os livros não têm preço, o seu valor é tão alto que jamais o vil metal pode satisfazê-lo.

Creia-me, Sr. Padre, que eu amo a Obra da Rua duma forma que não sei exprimir, a ponto de proclamar esta verdade: O seu arauto — «O Gaiato» — é a minha Bíblia. Não estou nem quero ser sacrilega. Eu possuo a Bíblia do Senhor e conheço-a toda. Mas mentirei quando afirmar que a vossa Obra é a Bíblia vivida? Aqui é que menti sem querer... A Obra não é vossa, nem de Pai Américo — mas só do Senhor! — e eis porque ela opera obras que são a Bíblia vivida, o Evangelho no meio de nós.

Não vos conheço, nunca vi Pai Américo com os olhos da carne, mas amu-vos em Cristo com o maior ardor da minha alma — por causa dos gaiatos, dos pobres, dos doentes — membros dilectos do Senhor.

Se não fosse Mãe de Família e estivesse disponível, com o maior gosto consagraria a minha vida ao sublime e duro ideal que abraçais — eis porque o maior anelo da minha vida seria o Senhor chamar o único Filho aos vossos caminhos... Espero confiante, embora não vislumbre qualquer centelha, certa de que em Deus não há impossíveis e a «martelada» que Pai Américo sentiu, pode Jesus, na Sua Infinita Misericórdia, acordar outro jovem com o coração disponível...

Já fui muito extensa, perdoai-me. Peço-vos que não esqueçais, entre as vossas intenções, a desta Mãe que só vive para a santificação do seu filho. Todos somos chamados a ser santos».



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

* Após um interregno um pouco prolongado, aqui estamos de novo para darmos novas notícias da Casa do Gaiato do Tojal.

* **OBRAS** — Pouco a pouco e com a ajuda de Deus vão progredindo. As obras da escola, além de estarem algum tempo paradas por demora na entrega de materiais, já estão quase prontas; depois das escolas começam-se as poeiras. Vamos lá ver quando é que a Aldeia está pronta para vivermos noutra ambiente, de autêntica Casa do Gaiato!

* **OFICINAS** — Já se encontram montadas três máquinas na tipografia: uma máquina de compor Linotype, uma serra eléctrica e uma máquina também eléctrica de derreter chumbo. A serralharia também foi equipada com duas máquinas novas: uma de furar e outra para cortar ferro, já em pleno funcionamento.

* **FUTEBOL** — Nestes últimos meses temos tido alguns jogos, ganhando, perdendo e empatando. A nossa equipa já parece a do Santos, com Pelé. Vamos jogando mas no fim de cada jogo é difícil aturar os rapazes, pois as botas estão velhas e aleijam. O Manuel, as botas têm pregos e aleijam-me os pés, etc.. No

fim de contas quem sofre com isto é a senhora, só a fazer os tratamentos perde quase uma hora. Não terão os nossos amigos leitores por aí algumas botas para deitarem ao lixo? Não deitem fora, mandem para a Casa do Gaiato do Tojal, que nós aproveitamos tudo o que nos mandam e assim já é escusado estar a dar aborrecimentos a todos. Muito obrigado pela atenção.

VICTOR

III

CALVÁRIO

* **BOLOTAS** — Temos aqui seculares carvalhas. Tão bonitas elas são! No verão, com o seu aspecto dão nota pelas suas dimensões. Os doentes servem-se dos bancos instalados em redor para gozarem a deliciosa sombra.

Dão as ditas um fruto que é muito apreciado pelo poder nutritivo que dá aos animais domésticos. Para estes lados dão-lhe um nome, mas eu como não estou ainda treinado em dizê-lo... — Acabado o verão, eis chegada uma altura em que começam dando bastante trabalho. Mas apesar de feita a recolha da bolota por doentes ou diminuídos fisicamente, o resultado vê-se: nada se estragou. E os animais todos regalados!

Agora muito mais, pois arranjou-se processo de serem moidas. E com estes e com outros pequenos trabalhos se dá ao doente um meio de ocupação e distração. Sendo assim nem sequer chegam a pensar tão profundamente nos males que têm. Pois aqui sentem-se mais seguros do que quando andavam sabe Deus sonda.

* **NOVO ANO** — É sempre um acontecimento histórico o findar de um ano. O começar de outro há sempre esperança de que seja melhor.

Pois nós aqui no «Calvário», junto do altar, no findar de 1965 agradecemos ao Autor dos anos, as graças que concedeu a todos. E ao começar 1966 renovamos as nossas preces para que Ele nos dê forças para este ano andarmos mais para a frente.

* **2 DE JANEIRO** — O dia que marca uma data bela para milhares de rapazes abandonados, pobres e doentes. Dizer como foi, já os nossos amigos o sabem. Dia de agradecimento por tantas graças espirituais e materiais. Tantas que parecemos ricos. E não. Apenas, isso sim, a ajuda do S. S. Nome de Jesus. E mais nada!

Toda a Obra esteve pois em festa. Não com muitos foguetes e barulho. Como parte integrante, aqui o «Calvário» e a Casa do Gaiato celebraram esse dia tão querido para todos nós. Em volta do Altar foi o começo. Missa alegre com vibração, acompanhada em ânticos apropriados. A Comunhão geral foi o grande momento.

Ao jantar foi um pretexto para lembrar aos mais novos o significado deste dia para a «Obra da Rua». E no final, ouvimos, no mais profundo recolhimento, palavras do nosso ausente de corpo, mas vivo no nosso espírito: Pai Américo!

Manuel Simões

III

BELÉM

* **AZEITONA** — Na nossa quinta já apanhámos a azeitona das oliveiras pequeninas e só faltam as grandes, mas o mais certo não devemos ser nós a apanhá-la porque as oliveiras são muito grandes.

Já podia estar toda apanhada, mas a chuva não nos deixou apanhá-la. Agora como tem vindo uns dias de sol, aproveitamos para ir apanhar a azeitona.

A chuva deitou muita abaixo, e nós fomos apanhá-la, quando abrandava a chuva.

Deus queira que continue tempo bom para acabarmos a colheita, e ao fazer o azeite saia muito e bom.

JINHA

x x x

* **NATAL** — Todas nós passámos o Natal com grande alegria. Desejamos que todos também o passassem com grande satisfação e contentamento. Como na consuada era a véspera do Nascimento do Menino Jesus, da parte da manhã andámos a fazer as limpezas e da parte da tarde eu, a Fernanda, a Dili e a Lindita fomos arranjar musgo e erva para fazermos o presépio. Fizemo-lo na escola em cima de uma mesa. Foi feito pelas mais pequenas, ficou bonito mas pequenino. No dia de Natal fomos à Missa, a dar acção de graças pelos benefícios que temos recebido até agora e a pedir as bênçãos do Menino Jesus. Passámos o dia a brincar no recreio, mas quando começou a chover fomos para casa. Antes do Natal, a nossa Mãe mandou-nos fazer umas quadras em honra do Menino Jesus e disse que quem as tivesse melhores ganhava um prémio. Quando viemos cá para cima a nossa Mãe perguntou-nos e ninguém as tinha bem e por isso ninguém ganhou. A

hora da merenda fizemos um magusto com castanhas oferecidas pela nossa Avózinha.

Sãozita

III

Lar de Setúbal

* **ESTUDANTES** — Terminou o 1.º período de aulas. Para uns, os que estudaram e se sacrificaram, foi motivo de alegria; para outros, que tudo fizeram menos as suas obrigações — motivo de tristeza.

Em todo o lado é assim e por isso nós não podemos fugir à regra.

Setúbal, como sabeis tem perto de 40 rapazes a estudar e mau grado nosso, noventa por cento não conseguiu aproveitamento satisfatório ou pelo menos razoável.

Perante isto, é óbvio e razoável pensar, mas para quem não sabe: — pois claro não estudam e eis o resultado.

No entanto eu e quem de perto lida com eles podemos afirmar o contrário; argumentos a seu favor não faltam e senão vede: não é já bastante para muitos deles a sua decisão e boa vontade de quererem estudar?

Olhai que não é fácil para nós, rapazes, com o desenvolvimento intelectual atrofiado sairmo-nos bem desta prova bem difícil — o estudo.

A todos aqueles que se esforçaram e que apesar dos seus esforços pouco conseguiram eu quero exortá-los a proseguirem, porque mais não seja sentirão a consciência tranquila do dever cumprido.

Aos poucos que não estudaram nada direi e deixo-o a cargo da sua consciência que saberá puni-los conforme merecem.

ROUXINOL



O "OBRA DA RUA"

Já começaram a chover pedidos! Mas «Caixa d'Óculos» ainda não pôs o correio em ordem... Andá a precisar de mais um apertozinho de calos! E, por eles, pelos pedidos que chovem, notamos já um interesse palpante entre os leitores do «Famoso». Mas quanto mais cresce o interesse tanto maior a nossa humilhação forçada por ainda não termos colocado ao menos um exemplar no correio!...

A Encadernação entupiu?... Não. Atravessa, como disse no último número, uma sobrecarga de trabalho que a gente perde a cabeça observando os montes de serviço em últimação.

Agora, porém, o livro, com mais um sacrifíciozinho de todos, está realmente na última etapa. Esperamos, até, despachar alguns ainda esta semana. Abílio tem já uma remessa deles aparados, nos bancos da oficina e dispersos em fila indiana. Permita Deus que não surjam contratempus.

Mesmo que, como é evidente, tentamos de andar mais devagar que os nossos desejos.

Os senhores tenham paciência. Saibam esperar. Ainda que a ansia seja tão forte como a daquele Amigo de Avanca que, diz, «muita doutrina espero aprender nesse belo livro». A Beleza do Criador quando se manifesta nas criaturas é assim mesmo — Fonte que dessedenta os homens de boa vontade.

Quiseramos ser um nadinha mais longos. O «Obra da Rua» e quantos vão pô-lo na rua dão muito pano pra mangas. Mas, Zé Adolfo está hoje muito atrapalhado.

— Ainda vens pra cá com mais isso (estas linhas mal alinhavadas)!... Já me sobra material que dá pra meio jornal!...

Mudo e quedo virei costas e dei graças a Deus pelas riquezas e grandezas do pequenino mundo da nossa «Aldeia».

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Padre Baptista